

05-05-2020

Ilusão à toa

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Quando **Johnny Alf** escreveu, em 1961, *Ilusão à toa*, não imaginava que um longínquo pernambucano iria utilizá-la para ilustrar a catástrofe que se abate no país em que o artista nasceu em 1929 e morreu em 2010. Estamos em maio de 2020, em plena Pandemia do Coronavírus e, que Deus me perdoe, sob a ba(p)tuta de um presidente com claros sinais de socio/psicopatia, com a certeza de que essas duas categorias psiquiátricas se coadunam...

Ilusão à toa

Eu acho engraçado quando um certo alguém
Se aproxima de mim
Trazendo exuberância que me extasia
Meus olhos sentem, minhas mãos transpiram
É um amor que guardo há muito dentro em mim,
bem dentro em mim
E é a voz do coração que canta assim, assim
Olha, somente um dia longe dos teus olhos
Trouxe a saudade de um amor tão perto
E o mundo inteiro fez-se tão tristonho
Mas, embora agora eu te tenha perto
Eu acho graça do meu pensamento
A conduzir o nosso amor discreto
Sim, amor discreto pra uma só pessoa
Pois nem de leve sabes que eu te quero
E me apraz essa ilusão à toa.

Pois, nem de longe pensar que o Johnny acharia que algum desorientado iria utilizar a linda melodia de amor para um depoimento de indignação política.

Pois é, o desorientado aqui se apresenta, eis-me.

É uma *Ilusão à toa* achar que essa desgraça vai se acabar rapidamente. A história humana mostra que às vezes passam séculos para se superar a tirania.

Nós vivemos parques e modestos anos frente à história. Provavelmente não veremos. A desgraça que se abate no Brasil, pelo que tenho visto nas redes sociais, com robôs ou não, fakenews ou não, aliás essa é a minha função aqui, é o prenúncio de uma nova ordem bárbara. Bárbara não no sentido de bacana, mas no sentido de barbárie. Robôs, seres humanos, fake news e true news confundem-se nas redes sociais e anunciam que estamos descendo, rapidamente, no elevador do processo civilizatório para os porões do nada em direitos e do negacionismo ocupados por fascistas que nos infestam como ratos. Pobres de nós.

Mas, como nessa hora a pena de nada adianta, a não ser caminhar como cordeiro ao patíbulo ou ao cadafalso, é preciso deixar de ter aquela *Ilusão à toa*, e olhar. Olhar e pensar. Olhar, pensar e refletir. Olhar, pensar, refletir e agir. Primeiro olhar. Olhe para quem está ao seu lado. Aí pense: se um sabujo dos militares e banqueiros ganhou a eleição, é provável que o/a cara que está aqui ao meu lado, no supermercado, no banco, no ônibus, no metrô, no trem, na praia, no boteco, na sala de aula, no cinema, no teatro, na feira, ou seja, em qualquer lugar, tenha votado nele. Ele mesmo: o presidente “E daí?”.

Passada essa primeira *Ilusão à toa* de que você vivia entre semelhantes, aí você começa a refletir: não é bem assim. Várias lembranças lhe vêm à lembrança: uma delas, talvez, a principal, é a dos 6 milhões de judeus caminhando aos fornos crematórios. *Ilusão à toa* de que essas coisas se resolvem por si só, ainda mais quando ao seu lado, no elevador, no avião, na farmácia, no corredor da sua empresa, na sala de espera do plano de saúde privado ou do SUS, tem alguém que votou para presidente da república do seu país quem defende o fascismo, degrau anterior ao nazismo, se é que estão em alturas diferentes.

Aí, você vai passando de patamar: olhou, pensou e refletiu. Falta agir. Você se desespera, fazer o que?

Como agir? Olhe mais uma vez para o lado em busca de uma resposta e vê que seu irmão ou sua irmã, seu cunhado, sua cunhada, seu primo ou sua prima, um dos filhos ou uma das filhas, até sua mãe ou seu pai, elegeram como presidente de seu país alguém que defende a tortura, a ditadura e a morte de inocentes (paciência, como ele diz). O desespero não pode lhe invadir porque se você continuar olhando para os lados você vai ver seus amigos de infância ou seus colegas de trabalho ou até seus companheiros de papo de boteco como suspeitos e, por certo, você terá razão em alguma parte dos casos. Afinal, ele foi eleito! Como agir? Simples. Lembre-se que a história humana é a história da injustiça. E que você NÃO está sozinho ou sozinha. Ao olhar para o lado e buscar um sorriso de ternura você vai ver que não está sozinho/a.

Nesse sorriso está embutido o sentido de justiça.

Você saberá reconhecer, ainda que a pessoa esteja de máscara, obrigatória, para se proteger do vírus e da ameaça fascista. Você vai sentir um quê de esperança e cumplicidade por um mundo diferente deste que tentam nos impingir goela abaixo. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.